

Gustavo Gomes Zuma

## Do desespero ao mal-estar: uma aproximação entre Kierkegaard e Freud

**RESUMEN:** Uma aproximação entre o pensamento de Kierkegaard e Freud a respeito da origem do sofrimento demonstra pontos de convergência entre ambos autores. O dinamarquês nomeia desespero este estado de sofrimento, enquanto o pai da psicanálise se refere a ele como mal-estar. O primeiro afirma que o desespero é resultado de uma escolha individual. O segundo defende que o mal-estar é inerente à vida civilizada. Ambos sustentam que a responsabilização individual no processo de subjetivação é fator decisivo que aponta o caminho para superação desse mal. Suas contribuições também ajudam a entender as raízes do comportamento ético do homem em sociedade.

**PALABRAS CLAVE:** Desespero; Mal-estar; Civilização; Religião; Subjetivação.

## From despair to discontent: an approximation between Kierkegaard and Freud

**ABSTRACT:** Bringing together the thoughts of Kierkegaard and Freud regarding the origin of suffering demonstrates points of convergence between these two authors. The Dane names this state of suffering as despair, while the father of psychoanalysis refers to it as discontent. The first states that despair is the result of an individual choice. The second argues that discontent is inherent in civilized life. Both views hold that individual accountability in the subjectivation process is a decisive factor that points the way toward overcoming this evil. Their contributions also help to understand the roots of human ethical behavior in society.

**KEYWORDS:** Despair; Discontent; Civilization; Religion. Subjectivation.

---

Artículo [PT] | ISSN: 2386-3994 | Recibido: 28-febrero-2021 | Aceptado: 30-septiembre-2021.

### Introdução

Tendo como panorama que as questões relativas ao processo de subjetivação são subjacentes aos estados de sofrimento humano, será empreendida uma aproximação entre as elaborações acerca do mal-estar, conforme contribuição teórica de Sigmund Freud em seu livro *O Mal-estar na civilização*, e o conceito

► **Gustavo Gomes Zuma**, Instituto Universitario de Ciencias de las Religiones, Universidad Complutense de Madrid, España. **Autor de correspondencia:** ✉ [gusgomes@ucm.es](mailto:gusgomes@ucm.es) — [ID http://orcid.org/0000-0001-6666-0990](http://orcid.org/0000-0001-6666-0990).

de desespero, conforme desenvolvimentos de Soren Kierkegaard em dois livros: *O desespero humano* e *O conceito de angústia*. Os autores em questão, quando tratam do mal-estar e do desespero, propõem uma análise das causas do sofrimento. Enquanto Freud lança mão do conceito de sentimento de culpa inconsciente e de Superego em sua abordagem sobre o mal-estar, Kierkegaard aborda o desespero pela dimensão do conceito cristão de pecado original.

Kierkegaard dialogou com a tradição teológica e filosófica questionando a ideia de pecado original. Segundo sua visão ética e antropológica, o homem se constitui a partir das escolhas que opera. Ao passo que a tradição teológica tenta explicar o pecado de Adão como tendo sido estabelecido em meio a condições especiais, o que o colocaria numa posição de destaque na história da Humanidade, Kierkegaard propõe que o pecado em Adão seja explicado da mesma forma que o de toda Humanidade: através da desestabilização da boa síntese. As escolhas diante da existência implicam em uma responsabilização subjetiva e devem bem conciliar os polos do espírito: temporalidade e eternidade. A má relação entre esses polos é que determinaria que o indivíduo está em pecado, ou desesperado. O pecado é contingente na medida em que está intimamente vinculado às escolhas individuais perante a vida. Já a angústia é, para o pensamento kierkegaardiano, ontológica.

Em seu livro *O Mal-estar na Civilização*, Sigmund Freud defende a ideia de que a religião é uma tentativa, que tende ao fracasso, de conferir um sentido à existência humana frente ao mal-estar inerente às renúncias pulsionais exigidas pela vida em sociedade, que obriga sacrificar os impulsos de satisfação ligados aos desejos mais primários. Para Freud, a busca pela felicidade é a maior aspiração humana. A impossibilidade de se concretizar esta meta geraria um hiato entre essa aspiração e a sua realização, hiato este a ser preenchido pela religião, que cumpriria um papel apaziguador frente ao mal-estar advindo deste impasse. A religião teria a função de depreciar o valor da vida natural e dos impulsos básicos — sexualidade e agressividade — com o objetivo de minorar o sofrimento inerente às renúncias impostas. A lei ética e a moral, que impõem regulações à vida civilizada, retiram sua força destes impulsos refreados. A origem dos preceitos éticos mais elevados está radicada no campo das satisfações pulsionais mais básicas que, uma vez impedidas de se manifestarem devido à ação das demandas civilizatórias, são transformadas na figura do legislador interno, o Superego.

Qual saída possível, apontada pela psicanálise, para que os indivíduos resolvam este impasse gerador de sofrimento? Em contrapartida, como Kierkegaard explica a origem do desespero e que tratativas propõe para que a humanidade se livre desse mal? Conforme veremos, ao pontuar de que forma a ética e a moral civilizada se relacionam intimamente com os impasses relativos ao sofrimento inerente à experiência humana, ambos os autores apontam para a dimensão da responsabilidade individual como caminho para sair do desespero ou minorar o mal-estar.

### **O mal-estar e o pecado**

Em *O mal-estar na civilização*, Freud procura demonstrar de que forma o crescente desenvolvimento da vida em sociedade contribui para um engrandecimento de muitas conquistas do homem, alertando, porém, que todas essas conquistas se dão às custas de uma renúncia pulsional. O fenômeno religioso cristão exerceria uma função social de apaziguamento das pulsões que, não encontrando satisfação direta, causariam um transtorno à própria ordem social.

Pontua que a vida é marcada por sofrimentos, a despeito da busca pela felicidade ser a tônica principal da humanidade. Essa busca move toda a existência e é descrita como meta central na vida dos indivíduos. Os esforços humanos teriam por propósito garantir a felicidade sob a égide do princípio do prazer. A principal função da religião seria conferir sentido à existência, uma vez que ela é marcada pelo sofrimento. Qual o propósito de viver uma vida em que se aspira à felicidade, mas que, ao contrário, se vivencia em diferentes níveis o mal-estar? A religião, segundo Freud, teria como função apaziguar justamente o mal-estar advindo deste impasse.

O recalçamento e a sublimação são descritos como possíveis destinos pulsionais alternativos à satisfação direta das pulsões de vida e de morte. Estes novos destinos pulsionais exigem um trabalho de elaboração psíquica e se configuram como alternativas possíveis de saída desse mal-estar, resultado da não satisfação plena exigida pela pulsão. O que ocorre é uma submissão do princípio de prazer ao princípio de realidade. Frente à realidade, que exige adiamento ou abdicção do prazer, as reivindicações de felicidade são relativizadas. Nas palavras de Freud, «o princípio do prazer se converteu no mais modesto princípio de realidade, sob a influência do mundo externo» (Freud

2010, pp. 21-22). Neste trabalho psíquico, a força pulsional sofre uma transformação tal que faz com que a sua não satisfação não seja tão penosamente sentida. A desvalorização da vida natural, aspecto central no discurso religioso, também está presente nestes destinos — recalque e sublimação — apontados por Freud como saídas à inevitabilidade do sofrimento consequente à renúncia pulsional exigida pelo princípio de realidade.

Os direitos humanos, os valores morais e a ética dizem respeito às convenções estabelecidas pela civilização para que os interesses do grupo sejam assegurados em detrimento dos desejos individuais. Na medida em que um homem mais forte tenta fazer prevalecer seus desejos aos interesses da coletividade, ele incorre numa ação que compromete a segurança alcançada pelo grupamento social. O grupo, ao se organizar e implementar leis e regulações, torna-se mais forte do que o indivíduo isolado. As leis instituídas resguardam a todos os mesmos direitos à vida. Por um lado, isso representa um grande ganho para o coletivo, pois a força da lei representa a força da comunidade sobre o poder individual, mas por outro lado isso representa uma renúncia à satisfação no plano pessoal. A civilização, desta forma, é sinônimo de um sacrifício comum da vida pulsional.

Um aspecto muito importante ressaltado por Freud denuncia que os laços que unem os homens em sociedade tiram sua força da própria pulsão através da sua energia: a libido. Ligações amistosas, de fraternidade são todas de caráter libidinal dessexualizadas. Segundo Freud, a civilização «quer unir também libidinalmente os membros da comunidade, que se vale de todos os meios, favorece qualquer caminho para estabelecer fortes identificações entre eles, e mobiliza em grau máximo libido inibida na meta, para fortalecer os vínculos comunitários através de relações de amizade. Para realizar esses propósitos, é inevitável a limitação da vida sexual.» (Freud 2010, p. 47).

A pulsão agressiva, ou de morte, é também trazida a um plano de destaque na economia da vida psíquica. Freud entende que a inclinação para a agressão se constitui como o maior obstáculo à vida civilizada. A civilização exige do indivíduo que volte esse impulso agressivo para dentro de si. A estrutura psíquica que surge desse retorno ou conversão pulsional é o Superego, instituído como o legislador interno, origem de toda consciência moral. O valores éticos teriam, desta forma, sua origem na força dos desejos e impulsos mais básicos aos quais se renuncia. O medo da autoridade externa é substituído pelo medo do Superego, que é a autoridade internalizada. Uma vez que os desejos proibidos não podem

ser ocultados desta instância psíquica, o sentimento de culpa e sua consequente necessidade de punição marcariam de maneira contundente a vida interior dos indivíduos. A moral neurótica é tirana e o discurso religioso pode se coadunar a essa disposição mental, reforçando os mecanismos de alienação do próprio desejo e de si mesmo. O sentimento de culpa é experienciado de maneira inconsciente, uma vez que as moções agressivas e sexuais foram impedidas de se manifestar livremente no campo consciente. Desde esse lugar inconsciente, o sentimento de culpa confere força ao comportamento ético e moral e contribui ao incremento de mal-estar vivenciado subjetivamente, seja devido às renúncias pulsionais a que o indivíduo se submeteu ou às cobranças superegóicas de punição consequentes às satisfações às quais se entregou.

O teólogo e filósofo Soren Kierkegaard, em *O desespero humano*, apresenta sua visão antropológica. Segundo seu entendimento, o ser humano é, em potência, um ser espiritual constituído por categorias ligadas à imanência e à transcendência ao mesmo tempo. Define o processo de tornar-se si mesmo — self — como fundamental na experiência humana para que não se viva em desespero. Tornar-se si mesmo exige que o indivíduo conjugue em si, em uma *boa relação* ou *boa síntese*, as dimensões de temporalidade e finitude, ligadas àquilo que é da ordem da imanência, com as dimensões de eternidade e infinitude, ligadas àquilo que é da ordem da transcendência. O desespero seria uma experiência universal de todo ser humano, consequente à desestabilização dessa boa síntese. O comportamento ético envolve uma escolha que deve bem conjugar as duas dimensões que constituem o *si mesmo*. Nessa perspectiva, o aspecto de responsabilidade individual pelo próprio desespero é acentuado.

Em *O conceito de angústia*, Kierkegaard questiona a origem da noção de pecado, analisado a partir da abordagem psicológica da angústia, que é definida como sendo anterior ao pecado. Para Kierkegaard, a angústia é sem objeto; ela comparece diante da possibilidade, diante do desconhecido. Em um sentido existencial, efetivar a boa síntese só é possível mediante um ato de fé, pois a razão não consegue harmonizar os polos temporalidade e eternidade, opostos por natureza. Para o indivíduo situar-se devidamente em seu próprio plano existencial, ele deve mover-se em direção a esse lugar que vai para além da pura racionalidade, ainda que de certa maneira apoiado nela. A fé, sendo entendida não como um lugar de determinações ou verdades dogmáticas, permite que o homem realize um movimento consistente em direção a si mesmo. Exige que se

apoie em algo sem substância definível, mas que, desde esse lugar inapreensível, determina sua existência. Kierkegaard propõe que a fé se articula ao conceito da razão na medida em que esta, quando levada ao seu extremo, evidencia seu próprio limite. Conciliar eternidade e temporalidade exige um ato de fé.

Kierkegaard problematiza o conceito de pecado original para trabalhar a noção de angústia. A angústia é colocada como anterior à constituição da subjetividade na medida em que a própria subjetividade, o tornar-se si mesmo, se conforma a partir de escolhas individuais. Segundo o autor dinamarquês, a angústia é ontológica na experiência do ser humano, mas não o pecado ou desespero. A angústia remete ao campo das possibilidades e traz a dimensão da responsabilidade individual pelas escolhas que realiza na existência, dia a dia. Se o pecado fosse ontológico, e não contingencial, não se poderia falar em responsabilidade nem em pecado, porque já não haveria a dimensão da escolha do indivíduo perante suas possibilidades. O indivíduo, em seu processo constante de tornar-se si mesmo, é um devir. A todo momento é convidado a realizar a boa síntese através das escolhas cotidianas. As escolhas são como um salto no abismo, na medida em que exigem como garantia a fé, que diferente da razão, não dá garantias.

A angústia compareceria como um sinal ante o prenúncio do salto que o indivíduo deve dar a partir da inocência, estado anterior ao pecado, que é resultado da má síntese operada. A angústia é, então, ontológica, mas não o pecado.

Toda a discussão com relação ao problema do pecado original envolve tanto uma discussão antropológica quanto uma discussão ética. Por que o ser humano age mal (ou se torna mau)? Trata-se de algo que está na natureza humana em si? Trata-se de algo pelo qual o próprio indivíduo é responsável? Na linguagem de *Anti-Climacus*: como a síntese se desestabiliza? Ou ainda: como pode o ser humano ser responsabilizado pelo próprio desespero? É no contexto dessas questões que a angústia aparece como conceito chave. De acordo com *Vigilius Haufniensis*, o ser humano se angustia diante da possibilidade de efetivar suas possibilidades. O que angustia é a possibilidade. Mas a possibilidade é em si desconhecida e, nesse sentido, é nada; o objeto da angústia é nada (Roos 2018, p. 72).

Lançando mão do conceito de pecado original, Kierkegaard restitui a responsabilidade pelo desespero a cada indivíduo e aponta o caminho para deixar de estar em desespero. Entendendo a ética como signatária das determinações que partem do interior de cada um como efeito de uma *escolha*

por subjetivar-se, *tornar-se si mesmo*, aceitando as determinações estruturantes da vida civilizada, coloca a dimensão do pecado original como um ato relativo à origem de todo ser humano e de cada um ao mesmo tempo. Destituindo o caráter ontológico do pecado, introduzido pelo cristianismo através da ideia do primeiro pecado de Adão, e restituindo a dimensão de responsabilidade individual pelo pecado enquanto uma escolha diante de diferentes possibilidades, traz a angústia ao primeiro plano da experiência subjetiva, assim como faz a psicanálise. Contudo, por diferentes caminhos discursivos, Kierkegaard demonstra, segundo a sua antropologia, que as questões do bem e do mal, ou de ser bom ou ser mau, dizem respeito não à natureza humana em si, mas a uma escolha pela qual o indivíduo deve se responsabilizar. Na teoria psicanalítica, o conceito de angústia também diz respeito à experiência central da subjetividade, na medida em que está na fundação do sujeito do inconsciente por ocasião do recalçamento das moções pulsionais. Em Freud, a angústia está no núcleo da experiência subjetiva e se presentifica nos impasses relativos às exigências da civilização.

### **Conclusão**

Freud assevera que a natureza mais primária e fundamental do indivíduo o impele a uma exigência de satisfação que, uma vez desatendida, o lança na experiência do mal-estar. As exigências éticas estruturais transmitidas na civilização pela linguagem, ao mesmo tempo que fundam o sujeito do inconsciente, desafiam o indivíduo a lidar com o mal-estar resultado destas mesmas exigências que o conformam. Freud não aponta para uma solução ou uma fórmula que resolveria esse mal-estar, prometendo uma cura definitiva para o sofrimento humano. O caminho proposto pela psicanálise passa pelo saber das causas inconscientes, saber este construído através da fala dirigida ao analista. Este saber, que nunca se esgota, possibilita ao sujeito ser movido e atuado pelo seu desejo — esse lugar vazio circundado por uma cadeia de determinações subjetivas a serem apropriadas, a cada vez. Tornar conscientes estas determinações ensejadas pela civilização abre o campo da responsabilidade individual em jogo no próprio processo de subjetivação, ainda que neste processo estejam implicadas as determinações impostas pela vida em sociedade. Na psicanálise, a angústia é anterior à própria operação do recalque das moções pulsionais. A angústia é anterior ao mal-estar e denota o prenúncio da dimensão de responsabilidade envolvida no ato desejanste de assujeitar-se às determinações estruturantes do sujeito do inconsciente.

Apesar de Freud revelar um aparente ceticismo com relação às boas intenções da humanidade civilizada, ele aponta a sublimação como um especial destino pulsional que, em termos ideais, poderia responder satisfatoriamente aos impasses da vida em sociedade. Kierkegaard, ao restituir ao indivíduo a responsabilidade por suas escolhas, o livra da suposta inevitabilidade do desespero. O pecado, não sendo ontológico, é uma escolha contingencial que se define apenas por ocasião da má relação estabelecida pelo indivíduo entre as categorias que o constituem.

Freud defende que o homem, em sua natureza mais primária, busca os próprios interesses e satisfações pessoais. A vida em sociedade exige uma posição ética que se constrói sob as bases desse impulso original, de onde tira sua força. A capacidade sublimatória de determinada sociedade é o que determinará o quanto de mal-estar os sujeitos deste núcleo terão de suportar. Aos sujeitos é dada a possibilidade e responsabilidade de escolher os meios mais eficazes de solucionar os impasses colocados pela experiência de tornar-se si mesmo entre seus pares, ou de ser humano.

#### Agradecimientos

Agradeço à Capes e à Fapemig, órgãos de financiamento do meu curso de mestrado, ocasião em que as questões apresentadas no presente artigo foram elaboradas, e ao Grupo de estudos: Psicanálise e experiência religiosa, coordenado por Ms. Bruno Albuquerque, doutorando em Ciência da Religião (PPCIR-UFJF), lugar de trocas e diálogos onde as ideias iniciais deste artigo puderam ser apresentadas.

**Conflicto de intereses:** El autor declara que no tiene ningún posible conflicto de intereses. **Aprobación del comité de ética y consentimiento informado:** No es aplicable a este estudio. **Contribución de cada autor:** G.G.Z. confirma que ha conceptualizado, desarrollado las ideas y escrito el artículo como único autor y ha leído y aprobado el manuscrito final para su publicación. **Contacto:** Para consultas sobre este artículo debe dirigirse a: (✉) gusgomes@ucm.es.

#### Referencias

- Freud, Sigmund. (1930). *Das Unbehagen in der Kultur*. Viena: Internationaler Psychoanalytischer Verlag. [Trad. port.: *O Mal-Estar na Civilização*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Editora Schwarcz, 2010].
- Kierkegaard, Soren. (1844). *Begrebet Angest*. [Trad. port.: *O conceito de angústia: uma simples reflexão psicológico-demonstrativa direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário*. Trad. de Álvaro Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017]. Kindle.
- Kierkegaard, Soren. (1849). *Sygdommen til Doden*. [Trad. port.: *O desespero humano (Doença até a morte)*. Trad. de Adolfo Monteiro. São Paulo: Editora Unesp, 2010]. Kindle.
- Roos, Jonas. (2018). «Kierkegaard e a antropologia entre a angústia e o desespero». *La Mirada Kierkegaardiana* N°1. pp. 68-78. ISSN 1989-2322. <http://lamiradakierkegardiana.hiin-entelke.info/wp-content/uploads/2018/02/jonasroos.pdf>



**Información sobre el autor.**

► **Gustavo Gomes Zuma.** Máster en Ciencia de la Religión por la Universidad Federal de Juiz de Fora, Brasil; cursando el Doctorado en Ciencias de las Religiones en la Universidad Complutense de Madrid, España. Trabajo de investigación sobre filosofía oriental, misticismo cristiano y psicoanálisis. Contacto: (✉): gusgomes@ucm.es – iD <http://orcid.org/0000-0001-6666-0990>.

**Como citar este artículo**

Zuma, Gustavo Gomes. (2021). «Do desespero ao mal-estar: uma aproximação entre Kierkegaard e Freud». *Analysis* 30, pp. 61-69